

O seminarista





BERNARDO GUIMARÃES

O seminarista

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição de 1944
da Livraria Martins Editora

Apresentação de
Hélio Lopes

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editores assistentes José Muniz Jr. e Malu Rangel
assistente editorial Grazielle Veiga
estagiária Ana Luiza Candido
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Alessandra Miranda de Sá, Beatriz C. Nunes de Sousa

arte

imagem da capa *Anúnciação*, 1972/1981, obra de Farnese de Andrade
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
editor Vinicius Rossignol Felipe
diagramadora Thatiana Kalaes
editoração eletrônica Luiz Henrique Dominguez
pesquisa iconográfica Daniela Chahin Baraúna

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G976s
29.ed.

Guimarães, Bernardo, 1825-1884

O seminarista / Bernardo Guimarães. - 29.ed. - São Paulo :
Ática, 2011.
136p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-13185-3

I. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

10-5445.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 13185-3 (aluno)
ISBN 978 85 08 13186-0 (professor)
Código da obra CL 737105

2013

29ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | CEP 02909-900 | São Paulo | SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Um retrato da gente simples 9

I	15	XIII	66
II	18	XIV	70
III	22	XV	73
IV	26	XVI	77
V	30	XVII	81
VI	34	XVIII	85
VII	39	XIX	90
VIII	43	XX	94
IX	47	XXI	98
X	54	XXII	102
XI	58	XXIII	106
XII	62	XXIV	111

Vida & obra 115

Resumo biográfico 127

Obras do autor 129

Obra da capa 133



UM RETRATO DA GENTE SIMPLES¹

Hélio Lopes

Crítico literário e historiador, lecionou Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP). Faleceu em 1992.

A primeira edição de *O seminarista*, de Bernardo Guimarães, é de 1872. No ano anterior, no Rio de Janeiro, iniciava-se uma campanha pelos jornais contra o episcopado, pelo fato de o bispo da capital do Império ter suspenso de ordens o Padre Almeida Martins, maçom, que, às exortações do prelado, não abandonou a maçonaria. Foi este o primeiro incidente da assim chamada Questão Religiosa que agitou o país e levou dois bispos, D. Frei Vital e D. Macedo Costa, à prisão com trabalhos forçados. O episódio foi uma das causas para mais rapidamente se chegar à proclamação da República.

Não queremos dizer com isso que o romancista tenha aproveitado a situação para elaborar a obra, transformando-a num libelo. De qualquer forma, tudo quanto se referisse à Igreja não deixava de despertar interesse naquele momento. Se Bernardo Guimarães usou do momento oportuno, não deixou de revelar espírito bastante prático.

De modo geral, a crítica brasileira vê neste romance uma obra a mais contra o celibato clerical. Lê *O seminarista* como romance de tese, equiparando-o, nas intenções, a *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, e a *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós. Se assim fosse, também o romance de Bernardo Guimarães teria falhado, porque nem Eurico nem Amaro nem Eugênio são levados ao sacerdócio por verdadeira vocação. E não é com excepcionais situações, ou casos particulares, que se provam ideias gerais. O romancista mais de uma vez toca no problema, como se pode ver nos capítulos V e XVII, por exemplo, mostrando sua oposição a essa lei eclesiástica. Mas o romance está longe de seguir uma linha polêmica.

O caso de Eugênio e de Margarida pode, com mais seguras e boas razões, ser tomado sob outro aspecto. *O seminarista* é mais um relato pastoral,

1 Esta apresentação antecipa partes importantes do enredo. (N.E.)

uma história de amor nascido na infância, no meio de paisagem campestre e amena, onde certos elementos — a serpente, as imposições familiares e, sobretudo, a formação dos meninos no seminário — são prenúncios da desgraça futura. A Eugênio não faltava a inclinação religiosa, o amor pelas coisas da Igreja, indício para o serviço do altar se acompanhado de outras qualidades. Na verdade, os pais impõem ao rapaz o caminho do sacerdócio, e os padres de Congonhas, vendo no jovem dons intelectuais para o ornamento futuro da Ordem, tudo fazem para subjugá-lo. Eugênio é vítima da vontade alheia.

Parece que aos romances de Bernardo Guimarães falta uma disposição preliminar da narrativa, tão espontânea corre, tão fluente e natural. Ora, a mínima ausência de ordem jamais ocorre a um escritor, mesmo de menor porte, e muito menos é ausente no escritor mineiro. Chamemos a atenção apenas sobre o problema dos espaços.

Está muito clara, no romance, a divisão dos espaços abertos e fechados. Espaços fechados são a casa paterna, o seminário e, incidentemente, a casa de Umbelina. No lar, eram as imposições dos pais que viam no filho padre um meio de subir na escala social. Compreende-se que assim pensassem quando, no passado, em que pesasse o espírito religioso, predominava a tradição de ter um filho padre na família. Depois, a falta de colégios não dirigidos por religiosos favorecia a existência de uma grande leva de padres sem vocação. O serviço do altar era uma carreira mais ou menos brilhante ou ao menos um ganha-pão seguro para si mesmo e para a família. O caráter fraco de Eugênio, com inconsequentes momentos de revolta, submeteu-se a essas imposições alheias até que, descoberta a mentira do pai, acabou por explodir na entrega à mulher amada e na loucura.

A imagem que o romancista oferece ao leitor da vida no seminário é bastante deprimente. Carrega nas tintas, como se diz, para forçar quanto pode o antagonismo entre a claridade aberta do mundo e o ambiente escuro e sufocante do seminário. Admitamos que o autor tenha tido suas prevenções contra a educação administrada nos colégios de padres. Isto pouco importa para a ficção. O essencial é ver como o quadro funciona dentro de seu esquematismo e compreendê-lo dentro de sua função. Há também aquela passagem importante para o desenrolar do enredo, quando Eugênio engana os pais e vai à casa de Umbelina para a festa da quatragem. O encontro com Luciano fazendo a corte a Margarida humilha Eugênio e ocasiona o definitivo afastamento do sítio paterno.

É nos espaços abertos, em meio dos campos, às luzes da manhã, às sombras da tarde e na escuridão noturna que a história se desenvolve em

seus melhores momentos, mostrando as intenções do livro. Poderíamos chamar a atenção para os dois momentos finais, quase antagônicos, quando ocorrem as cenas dentro do quarto de Margarida, doente, e quando Eugênio sai de dentro da Igreja — livre, mas irremediavelmente tomado pelas garras da loucura.

Há, no capítulo III, um pequeno parágrafo importante. Nele, o autor compara o amor de Eugênio e Margarida com o de Paulo e Virgínia e o de Romeu e Julieta. O primeiro seria o idílio e o segundo, a tragédia. Dentro dessa visão bastante esquemática, parece que o romancista quer dividir sua obra. Vejamos como isso se realiza e em que espaço.

Enquanto a obra fala do amor dos dois adolescentes, vemos a natureza palpitante de movimento, e o autor carinhosamente se esmera em sua descrição. Não quer pintar quadros mais ou menos idealizantes; a intenção é mostrar o influxo da natureza sobre o homem. A esse propósito, leia-se no capítulo VIII a passagem do regresso de Eugênio à casa paterna para um tempo de férias e outras mais, em que o autor procura mostrar a influência do campo sobre o espírito do moço. Deve-se, portanto, ler *O seminarista* como uma pastoral, um idílio onde as pequenas nuvens se vão avolumando para a tempestade final. E passamos da luz clara do sol para a escuridão da noite. É quando o romance já assume maior densidade, pois o protagonista toma sobre si a responsabilidade de suas ações, desobedecendo às prescrições dos pais.

Proibido de ir despedir-se de Umbelina e da filha, vai Eugênio, furtivamente, encontrar-se com Margarida junto à cerca do terreiro. Deparamos, então, com uma nítida reminiscência do diálogo entre Romeu e Julieta. Veja-se o capítulo XIV.

Não se pensará que o clima de tragédia se opõe ao claro panorama dos idílios. A própria poesia de Virgílio que Eugênio descobre no seminário e de que procura fazer imitações, quando sente despertar o juvenil estro poético às chamadas do amor pela ausência, possui também seu lado de intenso sofrimento. As paragens mineiras que ouviram os cantos de Cláudio Manuel da Costa e de Tomás Antônio Gonzaga estavam cheias de lamentos de desgraça por um amor não correspondido, por um amor impossível. O desfecho trágico dado por Bernardo Guimarães a seu romance não é, como se pode facilmente interpretar, uma simples imposição da escola romântica. Também nela nem tudo são lágrimas. Mas, como romance de linha pastoril, *O seminarista* encaixa-se dentro de boa tradição.

Ao lado dessas considerações de ordem, digamos, arquitetônica, chamemos a atenção sobre a linguagem. Percebem-se um modo corrente

de narrar e a preocupação de retratar de maneira a mais real possível a vida dos habitantes dos lugarejos interioranos. O estilo se enriquece de modismos familiares e populares, de comparações ou símiles extraídos do mundo circundante, formando uma homogênea e compacta unidade com o tema. Ao lado de provérbios e crenças da gente simples, há reminiscências clássicas ou eruditas de que Bernardo Guimarães sempre lança mão, revelando-se o homem de boas leituras e o professor de latim que foi. A linguagem rica e colorida de Bernardo Guimarães é um valioso filão a ser explorado.

Dentro da história de nosso romantismo, a posição do autor está assegurada, seja como poeta, seja como romancista. Como poeta, ainda não foi suficientemente estudado. Como romancista, merece uma análise mais acurada, capaz de enriquecer a visão até agora existente de sua obra. A aparente simplicidade de sua ficção tem levado não poucos críticos a uma avaliação fácil de se modificar se a lermos sob outros ângulos. De qualquer modo, as contínuas reedições dos romances de Bernardo Guimarães comprovam a aceitação por parte de um vasto público. É a melhor consagração de um artista. Bernardo Guimarães continua vivo na tradição do povo simples que ele retratou com tanto amor e fidelidade.



O seminarista

||

A uma légua, pouco mais ou menos, da antiga vila de Tamanduá, na província de Minas Gerais, e a pouca distância da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga, via-se, há de haver quarenta anos, uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e nova. Uma porta e duas janelinhas formavam toda a sua frente.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargado e ia atravessar o capão e o córrego, por uma pontezinha de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto à ponte, de um lado e outro do caminho, viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura, à entrada do campo onde pastava o gado.

Era uma bela tarde de janeiro. Dois meninos brincavam à sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze anos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que ele.

A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba.

O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda.

A menina, sentada sobre a relva, despencava um molho de flores silvestres de que estava fabricando um ramalhete, enquanto seu companheiro, atracando-se como um macaco aos galhos das paineiras, balouçava-se no ar, fazia mil passes e piruetas para diverti-la.

Perto deles, espalhados no vargado, umas três ou quatro vacas e mais algumas reses estavam tosando tranquilamente o fresco e viçoso capim.

O sol, que já não se via no céu, tocava com uma luz de ouro os topes abaulados¹ dos altos espigões; uma aragem quase imperceptível mal rumorejava pelas abas do capão e esvoaçava por aquelas baixadas cheias de sombra.

— Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.

Dizendo isto, a menina levanta-se da relva, e, atirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos, sacudiu do regaço uma nuvem de flores despencadas.

— Pois vamos lá com isso, Margarida — exclamou Eugênio, vindo ao chão de um salto, e ambos foram ajuntar as poucas vacas que ali andavam pastando.

— Arre! com mil diabos!... que bezerrada mofina! — exclamou o rapaz tangendo os bezerros. — Por que é que estes bezerros da tia Umbelina andam sempre assim tão magros?

— Ora! pois, que é que você quer? mamãe tira quase todo o leite das vacas, e deixa um pinguinho só para os pobres bezerros. Por isso mesmo quase nenhuma cria pode vingar, e algum que escapa mamãe vende logo.

— E por que é que ela não te dá uma bezerrinha? aquela vermelhinha estava bem bonita para você...

— Qual!... não vê que ela me dá!... e eu que tenho tanta vontade de ter a minha vaquinha. Há que tempo Dindinha prometeu de me dar uma bezerra e até hoje estou esperando...

— Mamãe?... ora!... é porque ela se esqueceu... deixa estar, que eu hei de falar com ela... mas não, eu mesmo é que hei de te dar uma novilha pintada muito bonitinha que eu tenho. Assim como assim, eu tenho de me ir embora mesmo, que quero eu fazer com a criação?

— Como é isso?... — exclamou Margarida com surpresa. — Pois você vai-se embora?...

— Vou, Margarida; pois você ainda não sabia?...

— Eu não; quem me havia de contar? para onde é que você vai, então?

— Vou para o estudo, Margarida; papai mais mamãe querem que eu vá estudar para padre.

— Deveras, Eugênio!... ah! meu Deus!... que ideia!... e é muito longe esse estudo?

— Eu sei lá; eles estão falando que eu vou para Congonhas...

1 **tope:** cume, topo; **abaulado:** curvado, arqueado. (N.E.)